

MEMÓRIA, MORTE E O VIRTUAL: memoriais aos mortos no Facebook e a recordação no espaço virtual.

Manoel Monteiro leite neto¹

Orientador: Roberto Viana²

RESUMO:

Esse texto apresenta reflexões sobre a morte, a memória e o esquecimento no espaço virtual, tendo como objeto de análise os *memoriais* de pessoas mortas na rede social Facebook. Um espaço de recordação “eternamente disponível” que pode trazer mudanças significativas na experiência humana da morte e do luto. Para entender esse “lugar aos mortos” realizo um diálogo constante com as reflexões do filósofo Byung-Chul Han, para quem o espaço virtual é um mecanismo de controle, exposição e aceleração que possibilita a produção de dados, melhorando assim a geração de capital. E do filósofo e historiador Walter Benjamin, para quem as novas relações com a natureza, e principalmente as relações entre os humanos, que surgem com a modernidade, desmoraliza a experiência que agora está sempre voltada para o presente. Para entender a “*temporalidade virtual*” faço um diálogo com o conceito de *presentismo* do historiador François Hartog, que entende a contemporaneidade, que vive graças a aceleração produzida pelos novos meios de produção e comunicação, uma relação estagnada, comprimida com seu tempo. Tudo que é registrado no virtual, e consequentemente não for apagado, está disponível para ser revisitado, por qualquer pessoa em qualquer lugar, ou como coloca o sociólogo Zygmunt Bauman “eternamente disponível para consumo”, nossa principal suposição é que essa corrupção da memória, impossibilitando o esquecimento, possa vim a interferir na experiência humana do luto, trazendo assim um novo “lugar” de recordação e consequentemente de superação.

PALAVRAS CHAVE: Morte, Esquecimento, Espaço virtual.

Introdução:

É preciso que compreendam: nós não
temos competência para arrumar os
mortos no lugar do eterno.

Os nossos defuntos desconhecem a sua
condição definitiva: desobedientes,
invadem-nos o cotidiano, imiscuem-
se no território onde a vida deveria
ditar sua exclusiva lei.

A mais séria consequência desta
promiscuidade é que a própria morte,
assim desrespeitada pelos seus
inquilinos, perde o fascínio da ausência
total. A morte deixa de ser a mais
incurável e absoluta diferença entre os
seres.

¹ Aluno do sétimo semestre do curso de licenciatura em história, Universidade Regional do Cariri – URCA. E-mail: manoelmonteiro840@hotmail.com

² Possui graduação em história pela Universidade Regional do Cariri (URCA).

(MIA COUTO. 1990. P. 26)

“O lugar conferido aos cemitérios conserva os mortos para melhor esquecê-los. As datas estipuladas para lembrar e celebrar os finados são para que no restante do tempo não precisemos lembrar”³. Os rituais que envolvem o luto preservam um tempo único aos seus mortos, guardando-os em um lugar sagrado, assegurados pelas cerimônias que faziam parte do cotidiano característico de sociedades pré-industriais. E mesmo com o avanço das forças produtivas ainda sobrevivem.

Como é comum nas sociedades tradicionais, não havia separação radical, como hoje temos, entre a vida e a morte, entre o sagrado e o profano, entre a cidade dos vivos e a dos mortos. Não é que a morte e os mortos nunca inspirassem temor. Temia-se, e muito, a morte sem aviso, sem preparação, repentina, trágica e sobretudo sem funeral e sepultura adequados. Assim como se temiam os mortos que assim morriam. Mas desde que os vivos cuidassem bem dos seus mortos, enterrando-os segundo os ritos adequados, eles não representariam perigo espiritual ou físico especial. Tais ritos eram experimentados por vivos e mortos de maneira a marcar com ênfase a passagem para o outro mundo. (REIS. 1991. P. 92)

No tempo presente são significativas as mudanças ocorridas que caracterizam esse período. Uma das novidades é a possibilidade de armazenar quantidades ilimitadas de informação. Um “não lugar” novo, objetivado para esse estudo são os memoriais de mortos na rede social Facebook, que traz consigo alterações na experiência da morte e do luto.

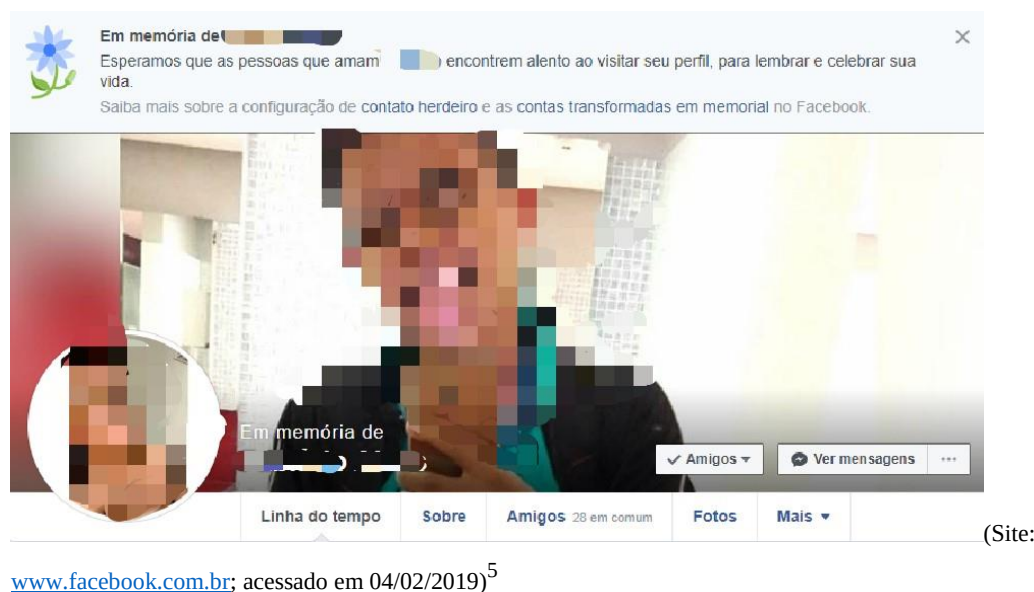
Segundo a própria rede social: “As contas transformadas em memorial do Facebook são locais onde as pessoas podem recordar e celebrar aqueles que faleceram.”⁴ Procurando entender os conceitos de “recordar” e “celebrar”, assim como as ideias que elas representam no espaço virtual, é o caminho trilhado por esse trabalho.

A ideia de um memorial de mortos carrega signos únicos, imagens pré-concebidas que são transmitidas no tempo pelos hábitos e cultos daqueles que

³ Ver: Marcelino. *Historiografia, morte e imaginário. Estudo sobre racionalidades e sensibilidades políticas*. 2017. P.27/28. O trecho faz parte do conjunto de citações do autor sobre as análises de Urbain e Weinrich sobre a morte, embora tenha sido modificado aqui para melhor se adequar ao texto. A passagem original: “Fundamentadas nas análises de Urbain seria, sem dúvida, o lugar conferido aos cemitérios, que, tal como as bibliotecas de uma civilização obcecada pela cópia e pela reprodução (conforme caracterizou Umberto Eco), conservaria os mortos para melhor esquecê-los e, assim, dissimular tudo aquilo que indicaria a corrupção do tempo”. E na sua nota de rodapé comenta: “vali ressaltar, nesse caso, o belo texto de Harald Weinrich, para quem o culto público dos mortos teria também por finalidade esquecer do esquecimento, pois ao estipularmos uma data para a lembrança, poderíamos esquecer durante o restante do tempo. *Lete. Arte e crítica do esquecimento*”

⁴ Conteúdo da página: < <https://www.facebook.com/help/1506822589577997> > acessado em 04/02/2019.

compartilham experiências passadas por gerações. “O local da sepultura era um aspecto importante da identidade de um morto” (REIS. 1991. P. 237), representam sua religião, classe social, e particularidades de sua comunidade.



Passando para o Facebook as características colocadas nos memoriais não se diferenciam entre os perfis. São a pequena rosa roxa no canto esquerdo superior, a descrição “Em memória de (nome do usuário)”, que também aparece ao lado da foto do perfil, e a frase “Esperamos que as pessoas que amam (nome do usuário) encontrem alento ao visitar seu perfil, para lembrar e celebrar sua vida.”. Essas características descritas indicam um memorial. Na “linha do tempo”, que aparece logo abaixo, são deixadas mensagens de internautas que conheciam a pessoa falecida.

Tendo esse espaço aos mortos “para lembrar e celebrar sua vida” como coloca o Facebook, o propósito aqui colocado é analisar como isso poderia afetar a experiência da morte e do luto, entendendo ele como parte de uma experiência histórica que se altera a partir da realidade que o condiciona.

Memória, experiência e “temporalidade virtual”:

Tudo o que é privado agora é feito, potencialmente, em público – e está potencialmente disponível para consumo público; e continua sempre disponível, até o fim dos tempos, já que a internet “não pode ser forçada a esquecer” nada que tenha sido registrado em algum de seus inumeráveis servidores. (BAUMAN. 2014. P.36)

⁵ O endereço eletrônico, nome do falecido e sua imagem foram editados para preservar o usuário.

A função do esquecimento já foi de diversas formas estudado. “ Com as mudanças e modernizações do material de escrita modificaram-se também as metáforas do lembrar e esquecer ” (WEINRICH. 2001. P. 23). As tecnologias modernas que auxiliam na escrita nos oferecem a função “delete”, que designam o esquecimento, embora os registros que não forem apagados estarão sempre disponíveis, podendo ser acessado por qualquer internauta, encontrando o material da mesma forma que foi publicado.

“A memória é sempre seletiva” (POLLAK. 1992), subtrai para melhor lembrar. O seu processo de transmissão está preso a uma dinâmica constante que sofre transformações, e qualquer alteração na harmonia desse processo vivo que é a memória pode resultar em mudanças significativas. “A faculdade analítica consiste em deixar de lado todo material perceptivo que não é essencial ao que está em questão. Ela é, em última instância, a capacidade de distinguir o essencial do não essencial” (HAN. 2018a. P. 105), a função do esquecimento colabora justamente na função da seleção, e consequentemente no significado e afeição que determinados objetos possam vir a ter na nossa vida. “ A enxurrada de informações à qual estamos hoje entregues prejudica, evidentemente, a capacidade de reduzir as coisas ao essencial” (HAN. 2018a. P. 105).

Essa disponibilidade “eterna” torna qualquer conteúdo recuperável, atemporal, o seu excesso atrofia nossa capacidade de selecionar. “A memória é um processo dinâmico e vivo em que diferentes períodos de tempo interferem e se influenciam mutuamente. Está sujeita a transcrições e reagrupamentos constantes. ” (HAN. 2018b. P. 92). Na tradição, que é narrada e transmitida de geração em geração, vive um processo de transformação e perpetuação de signos, costumes e identidades. O espaço virtual, não abarca a temporalidade característica dos processos narrativos, porque ele não possui o esquecimento, o passado ou as experiências não são um objeto resgatável sempre que desejável:

O esquecer que ajuda a selecionar e compreender o que deve permanecer e que aprofunda nossa existência numa dimensão temporal da duração, tornando assim, o passado, não uma eterna presença, mas uma experiência reflexiva do viver, pois, se tudo está permanentemente disponível num eterno presente, corremos o risco de caminhar para uma espécie de neurose coletiva na qual Internet pode representar o desejo de eternidade ilusoriamente realizada. (MENESES. 2013)

Um espaço ilusório no qual a dinâmica viva da memória não funciona, é o espaço virtual. O sentimento de duração, selecionando o que deve permanecer, narrando as experiências optando pelo que contar, com direito as próprias memórias, não funciona no Facebook, já que o material publicado permanece da mesma forma que foi postado, e pode ser encontrado por qualquer pessoa, desde que seja público, a qualquer momento, em qualquer lugar, na “linha do tempo”. A transmissão das experiências vividas, e seus ensinamentos correspondentes, está sujeita a uma dialética constante, onde lembrar e esquecer estão em um processo harmônico.

Em uma relação vertical, do mais experiente ao menos experiente, o narrador transmite para geração seguinte os seus conhecimentos, esses modificam os ensinamentos adquiridos a partir do vivido, atualizando constantemente. Os usuários do Facebook não se relacionam de forma vertical, mas sim horizontal, em um embate constante, onde cada um publica o que de imediato pensa, apenas acumulando dados, sem conclusões. A informação se diferencia da sabedoria que é produto da experiência, narrado por aqueles a qual se atribui o papel de passar para a geração seguinte seus ensinamentos, que por sua vez, como diria Walter Benjamin, “é a forma artesanal da comunicação” tecida no meio artesão.⁶

Walter Benjamin no seu ensaio “O Narrador”, critica justamente o processo de definhamento dos mecanismos cognitivos, e da temporalidade característica que carrega os lugares e a transmissão da memória. Estudando os meios de produção que surgem com a modernidade, Benjamin denuncia a desmoralização da experiência que agora está sempre voltada para o presente, cujo o pano de fundo é justamente as novas técnicas de lidar com a natureza, e acima de tudo das relações entre os homens.

A mudança que vem com a modernização traz um processo de individualização, que se agrava com os meios de comunicação virtual. A disponibilidade constante de nossa atenção para o presente e as inovações, faz com que rejeitemos as referências e costumes dos nossos antepassados. “A equivalência entre todas as coisas e todas as referências, produzida pela perda da experiência resulta na disponibilidade permanente das pessoas para as inovações técnicas e para as modificações que a técnica introduz na vida social.” (KEHL. 2015. P.157)

⁶ No seu ensaio “O narrador” Benjamin ainda comenta sobre a forma artesanal da comunicação: “ Ela não está interessada em transmitir o ‘puro em si’ da coisa narrada, como uma informação ou um relatório. Ela mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dele. Assim, imprime-se na narrativa a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso.” (2012. P. 221)

O próprio Benjamin, comentando sobre sociedades tradicionais, fala que a morte não encerra definitivamente a vida, pois há a possibilidade da transmissão da experiência. “Viver a vida sem ter de tomar para si o duro encargo de ser o guardião solitário de todo o vivido” (2015. P. 167), escreve Kehl sobre o ensaio O Narrador, essas atividades socializadoras de transmissão das experiências entrega a vida o sentimento de duração, onde a própria morte é um acontecimento decisivo e necessário. Já a memória digital:

(...) se constitui de momentos presentes indiferentes ou, por assim dizer, de momentos *zumbis*. Falta-lhe esse horizonte temporal que constitui a *temporalidade dos vivos*. Com isso, a vida digital perde sua vitalidade. A temporalidade do digital é a dos mortos-vivos. (HAN. 2018b. P.93)

Não existe um passado que é recuperado da mesma forma, já que a memória e o esquecimento estão em constante interação. Na tradição narrada, a sabedoria, essa “substância viva da existência” (BENJAMIN. 2012. P.217), encontra o eterno quando é relatada e incorporada à experiência dos seus ouvintes, compartilhada pelas gerações, selecionando e agregando em uma dialética constante. Assim comenta Benjamin sobre a morte e a eternidade citando Valéry:

Valéry conclui suas reflexões com as seguintes palavras: “É como se o desaparecimento da ideia de eternidade coincidissem com a crescente aversão ao trabalho prolongado”. A ideia da eternidade sempre teve na morte sua fonte mais rica. Se essa ideia está se atrofiando, temos que concluir que o rosto da morte deve ter assumido outro aspecto. Essa transformação é a mesma que reduziu a comunicabilidade da experiência à medida que a arte de narrar se extinguiu. (BENJAMIN. 1994 .P. 223)

A rede social Facebook não tem a temporalidade da experiência narrada, porque ela pode ser revisitada, não produz uma “variante que torna a se atualizar a cada evento narrado” (SARLO. 2007. P.25), é apenas um acúmulo de dados constantes sem conclusão que atrofia os mecanismos cognitivos e temporais da memória.

As sociedades contemporâneas vivem o imperativo da aceleração, da produtividade e do desempenho. O espaço virtual tem como funções o da exposição, circulação de informações, e acúmulo de dados para produção de estatísticas, forma de geração de riqueza. O virtual prende nossa atenção a tudo que nos é imediato, estagnando o tempo ao presente, fazendo com que percamos referências distantes, “a obsolescência programada do passado e da memória produz um sujeito permanentemente disponível, pronto a se desfazer de suas referências em troca das

novidades em oferta” (KEHL. 2015. P.168). Esse *presentismo*⁷ constante do qual o sujeito contemporâneo está submetido, foi denunciado por Hartog tendo na sociedade de consumo sua principal causa:

Nessa progressiva invasão do horizonte por um presente cada vez mais inchado, hipertrofiado, é bem claro que o papel motriz foi desempenhado pelo desenvolvimento rápido e pelas exigências cada vez maiores de uma sociedade de consumo, na qual as inovações tecnológicas e a busca de benefícios cada vez mais rápidos tornam obsoletos as coisas e os homens, cada vez mais depressa. Produtividade, flexibilidade, mobilidade tornam-se as palavras-chave dos novos administradores. Se o tempo é, há muito, uma mercadoria, o consumo atual valoriza o efêmero. (2013. P. 147/148)

A acelerando da produção se tornou possível graças ao investimento no sentimento de liberdade⁸, propagado pelo sistema de produção que tem na comunicação seu principal expoente. Ditados como *Você consegue, Você pode, depende de você*, são muito particulares à sociedade em que vivemos, são imperativos da produtividade e do desempenho, que coloca nossa atenção sempre voltada aos resultados imediatos, e a estagnação do tempo ao presente. Diferente das tradições que tem seus costumes voltados para o passado, o sujeito contemporâneo tem sua atenção voltada para o presente. Esse processo de otimização e internalização das estruturas coercitivas nos esvazia e nos desprende do passado. O próprio aparelho digital, vendido pela necessidade de liberdade e comunicação, é também um objeto de coerção e exploração:

Hoje somos, de fato, livres das máquinas da época industrial, que nos escravizavam e nos exploravam, mas os aparelhos digitais produzem uma nova coação, uma nova exploração. Eles nos exploram ainda mais eficientemente na medida em que eles, por causa de sua mobilidade, transforma todo lugar em um local de trabalho e todo tempo em tempo de trabalho. (HAN. 2018. P. 65.)

Otimizar mentalmente para o mercado, é mais eficiente do que externamente, a contemporaneidade caminha para um processo de internalização das estruturas coercitivas. Não é mais só o tempo prolongado de trabalho que constitui a modernidade

⁷ Conceito utilizado por François Hartog no seu trabalho *Regimes de historicidade, Presentismo e experiências do tempo*, para explicar a temporalidade na sociedade contemporânea, que vive, graças a aceleração produzida pelos novos meios de produção e comunicação, uma relação estagnada, comprimida com seu tempo.

⁸ Sentimento que é paradoxal, já que é um projeto coercitivo. A ideia do *empresário de si mesmo*, bem difundido em nossa sociedade, é falsa na medida em que o sujeito explorar a si mesmo. “Explorar alguém contra sua vontade não é eficiente, na medida em que torna o rendimento muito baixo. É a exploração da liberdade que produz o maior lucro.” HAN, Byung-Chul. *Psicopolítica – O neoliberalismo e as novas técnicas de poder*. 2018b. P. 11-12. Ou para compreender melhor ver: *Sociedade do cansaço*. Editora Vozes, 2017b. Do mesmo autor.

e separa o indivíduo de seus costumes e crenças, agora temos uma nova forma, mais eficiente, que funciona no plano psicológico, alterando a memória, controlando nossa percepção.

A perpetuação das antigas formas tradicionais de existir, assim como de vivenciar uma espiritualidade única que está nas tradições que rodam a morte e o morrer, utiliza de diversas táticas para garantir sua permanência, se esquivando do processo de modernização.

A passagem do mundo agrário para o industrial tenta a todo custo disciplinar os corpos, “(...) promulga regras de comportamento, censura os prazeres, aprisiona o cotidiano em uma rede de recomendações. ” (MOULIN. 2011. P.15) se esquivando dessas formas coercitivas as tradições permanecem pelas narrativas orais que passam as gerações, construindo identidades e formando sujeitos.

Entendendo essas experiências sensíveis tradicionais, vivenciadas de forma coletiva, que traduzem o mundo a partir de suas crenças e valores, que rodam a morte e o luto de rituais e cerimônias são a todo custo eliminados “já que não podem ser operacionalizados, pois são impeditivos e atrapalham a aceleração da circulação da informação, da comunicação e da produção” (HAN. 2017a. P.71), a circulação da produção flui mais rápido no vazio. Processo que tenta disciplinar para o mercado, e desde do seu início já trouxe mudanças significativas. Walter Benjamin comenta o percurso dessa mudança:

No decorrer dos últimos séculos, pode-se observar que a ideia da morte vem perdendo, na consciência coletiva, sua onipresença e sua força de evocação. Esse processo acelera-se em suas últimas etapas. Durante o século XIX, a sociedade burguesa produziu, com as medidas higiênicas e sociais, privadas e públicas, um efeito colateral que inconscientemente talvez tivesse sido seu objetivo principal: permitir aos homens evitarem o espetáculo da morte. (2012. P. 223)

Já a contemporaneidade marcada pelo avanço dos aparelhos tecnológicos e com eles a mudança nos sistemas de comunicação, traz novos mecanismos coercitivos. “Todo clique que faço é salvo. Todo passo que eu faço é rastreável. Deixando rastros digitais em todo lugar. Nossa vida digital se forma de modo exato na rede. ” (HAN. 2018b. p. 122). Com isso é fácil controlar e homogeneizar a sociedade, eliminando costumes que atrapalham o progresso e a geração de riqueza. O espaço virtual abarca somente o armazenamento, que serve para gerar lucro, a memória é uma narrativa, que

(...) distingue-se do armazenador, que trabalha apenas adicionando e acumulando. Em virtude de sua historicidade, os traços da memória são submetidos a constantes reorganizações e redações. Em contraposição a esses, os dados armazenados permanecem sempre iguais. (HAN. 2017a. P.75/76)

O luto e o virtual:

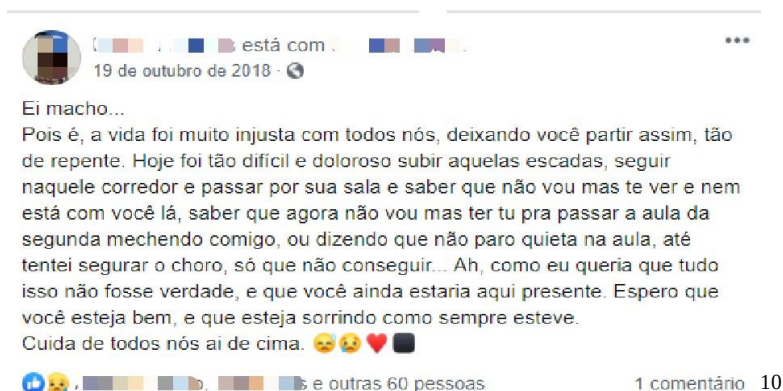
O luto, experiência que pode ser entendida tanto individualmente como coletivamente, já que eventos traumáticos compartilhados requerem um processo de recomposição e significação, para que possam ser simbolizados. O trabalho de aceitação da perda é lento, o luto não é uma experiência restrita à morte, mas vivenciada em diferentes situações. A cada mudança, desilusão ou abandono há um processo de luto a ser feito, “processo que terminará com a incorporação simbólica daquele que se foi e que passará a fazer parte de nós” (DUNKER. 2017. P. 51). Embora ressaltamos que esse trabalho está voltado para a morte de pessoas, não outras percas.

O registro constante de nossas atividades cotidianas, a necessidade fervorosa de fazer cada momento e pensamento compartilhado, coloca um novo obstáculo ao trabalho de simbolização. Se há uma forma de me direcionar a pessoa falecida como algo presente, então ele não se concluirá como uma perda, existe aqui uma nova modalidade de ausência e presença no espaço virtual. O que podemos tirar da relação de registros “eternos” e a perda da experiência de “deixar ir”, ou seja, uma má elaboração do luto, é que estamos falando de uma memória que nos priva da “segurança de uma sepultura”, que por sua vez tende a ser lugar confortador. Rita Kehl comentando sobre a ligação entre luto e depressão⁹, fala justamente na manutenção da memória que se escreve em um lugar de recordação, no caso da sepultura:

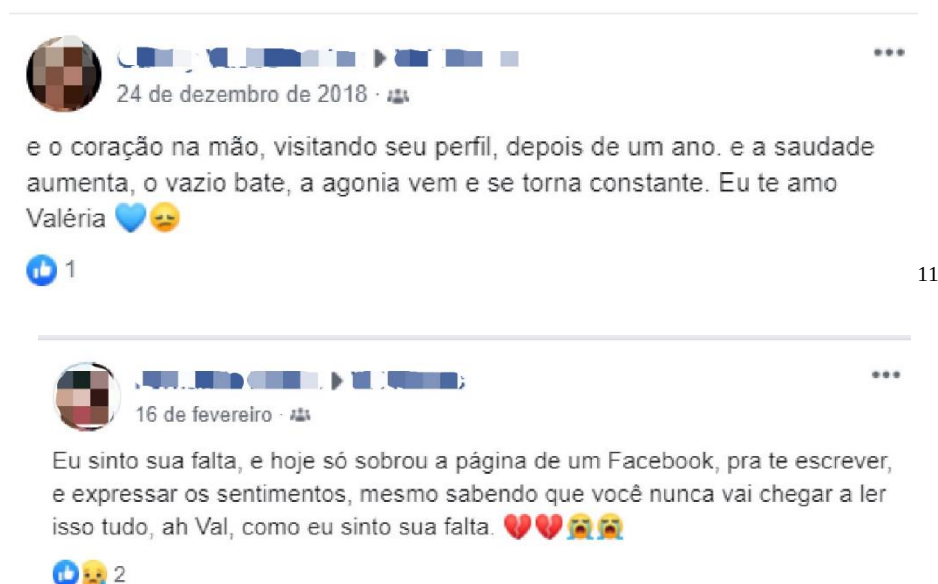
A sepultura é a manutenção da memória do morto na forma simbólica da inscrição de um nome, “*memória remanescente da intimidade de um corpo afastando o pensamento sobre o cadáver*”. A inscrição psíquica do nome do morto é uma forma de abolir a possibilidade de seu esquecimento definitivo sem, no entanto, perpetuar a presença de seu fantasma através da identificação, pois o nome tem justamente o poder de invocar a presença de alguém. (2015. P. 208)

A invocação no memorial do facebook se faz na incapacidade de “deixar ir”, me direcionar a algo como se ainda estivesse presente. O espaço virtual não permite a total elaboração da perda, e essa hipótese será analisada a partir das fontes.

⁹ Analise que a autora faz a partir do texto “Luto e melancolia” do Sigmund Freud e “Dos benefícios da depressão: elogio da psicoterapia. Tradução Martha Gambini, São Paulo, Escuta, 2002” do Pierre Férida.



Percebamos que a mensagem postada se direciona a pessoa ausente, que não existe mais, há a tentativa de contato direto com o falecido. É necessário notarmos duas coisas importantes, nesse momento há o sentimento de dor pela pessoa perdida e a demanda por exposição, característica do espaço virtual, vejamos outros exemplos:



Destaco aqui, que mesmo reconhecendo a perda as postagens se direcionam a uma segunda pessoa. O memorial se elabora como um espaço de fala onde o indivíduo enlutado consegue expressar a dor. O desejo de acalantar o abatimento causado pelo luto cede, ao mesmo tempo, à demanda por exposição. O perigo que pode haver nessa prática é o apego a pessoa faltante na forma de um contato direto com ele, um espaço ilusório onde se realiza sua presença imaginaria, não mais como uma lembrança, e sim como uma marca mnêmica que se repete sem fim, e sempre que houver uma busca

¹⁰ <https://www.facebook.com>. Acessado em 15/05/19. Todas as fontes e seu endereço de origem estarão no anonimato.

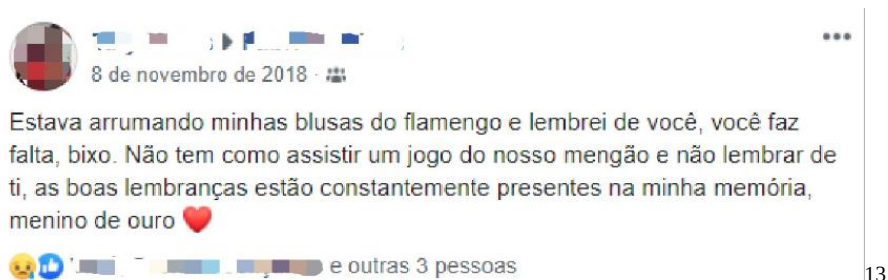
¹¹ <https://www.facebook.com>. Acessado em 15/05/19.

¹² <https://www.facebook.com>. Acessado em 15/05/19

encontrarão no memorial um momento de alívio. Rita Kehl relatando sua experiência na clínica psicanalítica com pacientes enlutados comenta:

De início, o enlutado reage à inevitável posição de abandono tentando impedir que o outro se vá, ou que sua lembrança se desvaneça até o ponto de torna-se uma representação psíquica “morta”, que já não produz excitação nem dor. Mas não é esse o movimento capaz de resolver o impasse lógico provocado pelo abandono. O movimento decisivo não é de resistência à perda, mas de consolidação do fim; em análise, é possível observar o momento em que o enlutado consegue *abandonar aquele que o abandonou*. Neste momento a tristeza começa a ceder lugar a um sentimento de triunfo sobre a morte, o abandono e a dor; a partir daí, o analisando pode começar a incluir outros objetos no círculo de satisfação pulsionais, e outros significantes para o seu desejo tomam o lugar do nome do morto. (2015. P. 205)

Os memórias no Facebook se realizam como uma verdadeira corrupção do tempo e da memória. A consolidação do fim, o último estágio do luto, pode ser afetado justamente pela possibilidade da identificação com espaço memorial, na busca de um apaziguamento, mas que como resultado pode não consolidar o fim da pessoa perdida. Vejamos outros exemplos:



Destaco aqui os momentos cotidianos que fazem lembrar a pessoa perdida, no primeiro caso o arrumar de roupas que em uma camisa do time lembrava o amigo, e no segundo o ônibus que compartilhava com a pessoa falecida. O trabalho de luto é lento, “

¹³ <https://www.facebook.com>. Acessado em 15/05/19

¹⁴ <https://www.facebook.com>. Acessado em 15/05/19

o processo não é linear; o enlutado passa por momentos de relativo alívio em relação à dor da perda, para em seguida apegar-se ainda com mais intensidade à lembrança daquele que morreu ou partiu” (KEHL. 2015. P. 204), a cada momento de apego há uma busca por apaziguar a dor, o enlutado pode vir a identificar no memorial a satisfação momentânea na forma de contato com a pessoa desejada.

É importante destacar os limites da abordagem aqui apresentada, são indagações e reflexões de um projeto ainda em andamento, que visa compreender um espaço pouco questionado. Entendendo que a maior parte das reflexões se voltam para entender a memória no virtual, e sua relação com o esquecimento, deixando os questionamentos psicanalíticos sobre o luto aqui apresentados ainda por ser aprofundados.

Para realização dessa pesquisa foram analisados quatro perfis, os critérios de seleção estão ligados aos questionamentos do pesquisador, método também já apresentado pela historiadora Sônia Meneses e o historiador Egberto Melo ao elaborarem seus questionamentos sobre história pública no espaço virtual:

A primeira resposta é tornar esses registros algo viável em termos de análise histórica, na medida em que possam obedecer, minimamente, elementos éticos que garantam a originalidade e a legitimidade das fontes de pesquisa. Pode-se dizer que, em alguma medida, os historiadores de história pública que lidam com materiais de redes sociais são também produtores de fontes, da mesma forma como pensamos o trabalho feito pelos pesquisadores de história oral, quando estabelecem questões aos seus entrevistados e transformam seus depoimentos, através da gravação de som, de imagem e das transcrições, em fontes históricas de pesquisa. (MENESES. MELO. P. 253. 2018)

Todas as fontes estão salvas, com seus endereços originais e data de acesso, nos arquivos do pesquisador, no trabalho permanecerão no anonimato já que não há autorização dos herdeiros virtuais dos memoriais e nem de seus familiares. Deixando aqui o contato de e-mail para qualquer dúvida que possam vir aos leitores, manoelmonteiro840@hotmail.com.

REFERENCIAIS:

BAUMAN, Zygmunt., DONSKIS, Leonidas. **Cegueira moral: a perda da sensibilidade na modernidade líquida**. Tradução Carlos Alberto Medeiros. – 1.ed. – Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

BENJAMIN, Walter. **O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov**. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. Tradução Sérgio Paulo Rouanet; prefácio Jeanne Marie Gagnebin – 8º Ed. Revista -- São Paulo: Brasiliense, 2012, p. 213- 240.

COUTO, Mia. **Rosalinda, A Nenhuma**; Cada Homem é uma raça. Lisboa: Editora Caminho, 1990. P 26

DUNKER, Chistian. **Reinvenção da intimidade – políticas de sofrimento cotidiano**. São Paulo: Ubu Editorial, 2017.

HAN, Byung-Chul. **No enxame: perspectivas do digital**. Tradução de Lucas Machado. – Petrópole, RJ: Vozes, 2018a.

_____. **Psicopolítica – O neoliberalismo e as novas técnicas de poder**. Tradução de Maurício Liev sen. - Belo Horizonte, MG: Editora âyiné, 2018b.

_____. **Sociedade da transparência**. Tradução de Enio Paulo Giachini. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2017a.

_____. **Sociedade do cansaço**. Tradução de Enio Paulo Giachini. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2017b.

HARALD, Weinrich. **Lete: Arte e crítica do esquecimento**. Tradução de Lya Luft. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001

HARTOG, François. **Regimes de historicidade: presentismo e experiências do tempo**. Vários tradutores. Coleção história e historiografia. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

KEHL, Maria Rita. **O tempo e o cão: a atualidade das depressões**. – 2. Ed., [4. Reimpr.] . São Paulo: Boitempo, 2015.

MARCELINO, Douglas Attila. **Historiografia, morte e imaginário. Estudo sobre racionalidades e sensibilidades políticas**. – 1.ed.— São Paulo: Alameda, 2017.

MENESES, Sônia. **Internet, História e Esquecimento**. Revista Catarinense de História, Florianópolis, n.21, p. 10-26, 2013.

_____. MELO, Egberto. **História, memória e leituras do passado: o que as apropriações sobre dom Paulo Evaristo Arns e o cel. Brillhante Ustra nas redes sociais podem nos ensinar?**. SÆCULUM - REVISTA DE HISTÓRIA [39]; João Pessoa, jul./dez. 2018.

MOULIN. Anne Marie. **O corpo diante da medicina**. História do corpo: As mutações do olhar: O século XX / sob direção de Alain Corbin, Jean-Jacques Courtine e Georges Vigarello; tradução e revisão Ephraim Ferreira Alves. 4. ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

POLLAK, Michael. **Memória e identidade social**. Estudos históricos, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212.

REIS, João José. **A morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX**. – São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

SARLO, Beatriz. **Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva**. Tradução Rosa Freire d’Aguar. – São Paulo: companhia das letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007.